

PASSO A PASSO

2019 • EDIÇÃO 106

learn.tearfund.org

VIOLÊNCIA SEXUAL E DE GÊNERO



LEIA NESTA EDIÇÃO

- 3 VSG: O que pode ser feito?
- 5 A história de Tamar
- 7 O que não dizer às sobreviventes
- 12 Mulheres unidas pela justiça
- 14 Transformando Masculinidades
- 20 "Esperança através da minha provação"

tearfund

AVISO

Esta edição é sobre o tópico da violência sexual e de gênero, e seu conteúdo pode ser perturbador para alguns leitores.

ARTIGOS

- 3 Violência sexual e de gênero: o que pode ser feito?
- 6 Criação de um movimento de sobreviventes
- 7 O que não dizer às sobreviventes
- 8 Como quebrar a cadeia econômica da VSG
- 12 Mulheres unidas pela justiça
- 14 Transformando Masculinidades: a abordagem da Tearfund para acabar com a VSG
- 15 ATIVIDADE EM GRUPO: Jesus, nosso modelo
- 16 Grupos de Ação Comunitária

SEÇÕES REGULARES

- 5 ESTUDO BÍBLICO: A história de Tamar
- 18 RECURSOS
- 19 COMUNIDADE
- 20 ENTREVISTA: Minha provação como forma de trazer esperança

LEVE E USE

- 10 FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM: Compreenda a mutilação genital feminina/corte
- 13 Dramatize! O uso de dramatizações para discutir a VSG
- 17 PÔSTER: O que fazer se tiver sido estuprada

PASSO A PASSO

VIOLÊNCIA SEXUAL E DE GÊNERO

Esta é a terceira e última parte da nossa série da *Passo a Passo* baseada na ideia bíblica do Jubileu. No Antigo Testamento, o ano do Jubileu era destinado à restauração dos relacionamentos dos israelitas com Deus, uns com os outros e com a terra. Nesta edição, examinamos um tópico em que a restauração, a justiça e a cura são urgentemente necessárias: a violência sexual e de gênero (VSG). Este é um dos problemas mais prejudiciais e generalizados enfrentados no mundo hoje.

Mas ainda há esperança. Recentemente visitei uma igreja na República Democrática do Congo (RDC) que faz parte de uma iniciativa empolgante, cujo objetivo é prevenir a VSG. A igreja está realizando o programa Transformando Masculinidades, da Tearfund (veja as páginas 14–15), examinando maneiras saudáveis através das quais os homens e as mulheres podem se relacionar uns com os outros, sabendo que somos todos iguais, feitos à imagem de Deus.

Os pastores da igreja relataram que a violência entre casais em sua congregação havia diminuído desde o início do programa. Eu me encontrei com um homem e sua esposa que estavam cheios de alegria com a maneira como seu relacionamento havia se transformado. Os participantes convidaram seus amigos e vizinhos para participar, e a mensagem estava se espalhando rapidamente.

Há muita coisa que podemos fazer tanto para prevenir quanto para responder à VSG em nossa comunidade. Esta edição inclui ideias inspiradoras da Paz y Esperanza, na América Latina, que está capacitando economicamente as mulheres para torná-las menos vulneráveis à VSG (páginas 8–9). Apresentamos formas práticas de ajudar as sobreviventes da VSG em sua jornada de cura (páginas 6–7 e 16). E ficamos sabendo sobre um grupo de mulheres valentes, no Equador, que estão transformando o processo de justiça em sua comunidade (página 12).

Terminarei com algumas palavras de Sylvie, uma sobrevivente inspiradora da VSG da República Democrática do Congo: "Não importa o que você estiver passando, saiba que Deus está com você. Aconteça o que acontecer, não perca a esperança. O sofrimento não é o fim da nossa vida. Deus está preparando coisas melhores para nós, e eu acredito nesse Deus".



Zoe

Zoe Murton – Editora

PS: Devido aos tópicos delicados abordados nesta edição, não incluímos nossa página infantil de costume.

📷 A capa mostra um homem no Maláui participando da campanha *Silent no more* contra a VSG, em 2012. Foto: Chris Boyd/Tearfund



por Veena O'Sullivan

VIOLÊNCIA SEXUAL E DE GÊNERO: O QUE PODE SER FEITO?

A violência sexual e de gênero (VSG) ameaça os direitos humanos, a segurança e a dignidade de milhões de indivíduos afetados. Ela também tem efeitos negativos sobre a saúde pública e a segurança das comunidades em que ela ocorre.

O PROBLEMA

VSG é a violência dirigida contra qualquer pessoa com base em seu sexo ou gênero, sendo que sexo se refere às diferenças biológicas entre homens e mulheres, e gênero se refere às ideias da sociedade sobre o que significa se comportar como homem ou mulher. A VSG inclui a violência física, sexual, verbal e psicológica.

A VSG afeta uma em cada três mulheres em todo o mundo, enquanto um em cada 33 homens sofre VSG. Ela está, portanto, intimamente ligada à violência contra as mulheres. As relações de poder desiguais e as diferenças de posição social entre homens e mulheres são o principal motivo da VSG.

Muitas pessoas associam violência sexual à guerra e ao conflito armado.

A violência sexual nos conflitos é um desafio fundamental, e precisamos garantir que todos os esforços sejam feitos para evitar essa brutalidade. Isso inclui levar os agressores à justiça e desenvolver programas para responder à VSG desde o início. Mas, embora o grau de violência sexual aumente durante a guerra e o conflito, não devemos esquecer que ela ocorre em tempos de paz também – em lares, escolas, locais de trabalho e na comunidade em geral. É importante saber que a maior parte da violência contra mulheres e meninas é cometida por um parceiro íntimo – alguém com quem elas têm ou tiveram um relacionamento romântico.

O QUE PODE SER FEITO PARA PREVENIR A VSG?

A VSG é um resultado do problema e da dor dos relacionamentos rompidos. A prevenção é possível, mas requer uma mudança de sentimento, de mentalidade e de comportamento.

O silêncio é um obstáculo para acabar com a VSG. Precisamos ser capazes de

falar sobre ela e entender que o estigma e a falta de apoio mantêm as sobreviventes em silêncio, o que, por sua vez, aumenta sua vulnerabilidade. Para criar comunidades seguras, precisamos trabalhar juntos nos setores social e de educação, saúde e justiça. Isso deve incluir os líderes em todos os níveis. Quando as sobreviventes são fortalecidas e organizadas, elas também podem atuar como uma força poderosa para a mudança.

Também precisamos garantir que os nossos governos se posicionem contra a violência, assinando leis internacionais fundamentais, desenvolvendo sistemas que apoiem as sobreviventes e garantindo que os agressores não escapem à punição. As leis precisam ser apoiadas por processos adequados, que possam colocá-las em prática. Nossos próprios líderes devem atuar como modelos de como respeitar e tratar as mulheres.

QUAL É O PAPEL DAS COMUNIDADES RELIGIOSAS?

As comunidades religiosas têm um papel vital e urgente a desempenhar tanto na prevenção como na resposta à VSG. Para prevenir a VSG, precisamos mudar normas sociais prejudiciais – as regras não escritas que moldam os valores, as atitudes e os comportamentos das pessoas. Os grupos religiosos têm uma influência considerável sobre as normas sociais e as práticas tradicionais. Eles também são os que frequentemente fornecem os serviços de educação e saúde nas comunidades locais e podem ativamente buscar maneiras de alcançar as sobreviventes da VSG.

As sobreviventes que ouvimos sempre pediam que a igreja e seus líderes se manifestassem e oferecessem cuidados e compaixão. Os líderes da igreja precisam entender que a VSG ocorre na igreja também. Eles devem defender os mais vulneráveis, acabando com o estigma e a

Capacitar economicamente as mulheres pode ajudar a reduzir sua vulnerabilidade à VSG. Foto: Tom Price/Tearfund



discriminação e defendendo a necessidade de apoio e justiça das sobreviventes.

Há muitas coisas práticas que as igrejas (e outras organizações) locais podem fazer:

- Educarem-se sobre a VSG e falar sobre ela abertamente em sermões e reuniões, abordando ideias prejudiciais sobre gênero a partir de uma perspectiva teológica e cultural.
- Prestar serviços como aconselhamento e cuidados de saúde ou acompanhar as sobreviventes ao acessarem esses serviços.
- Criar espaços seguros para as mulheres falarem abertamente sobre a VSG. Os grupos de apoio para mulheres podem ser uma abordagem poderosa.
- Incentivar os membros da comunidade local a formar um grupo de ação para prestar apoio contínuo às sobreviventes (veja a página 16).
- Criar fundos de emergência para apoiar mulheres em crise.
- Investir no empoderamento das mulheres, inclusive em atividades de geração de renda, para que elas não se sintam forçadas a viver com os autores da VSG para suprirem suas necessidades básicas.

- Mobilizar homens para atuarem como defensores dos direitos das mulheres e meninas.

- Defender e promover direitos junto às autoridades locais para garantir que as sobreviventes sejam tratadas com compaixão, cuidado e justiça.

O QUE OS INDIVÍDUOS PODEM FAZER?

Enquanto indivíduos, é importante não nos sentirmos impotentes para fazer alguma coisa quanto à VSG. Há muitas coisas que podemos fazer para prevenir e responder ao problema:

- Entender que toda comunidade, seja ela rica ou pobre, é vulnerável à VSG.
- Começar com os jovens. Trate os meninos e as meninas como tendo igual valor, dando-lhes o mesmo acesso à educação e a outras oportunidades.
- Tornar a violência inaceitável! Diga às pessoas que você se opõe à violência contra as mulheres e meninas.
- Incentivar os homens e as mulheres a conversar sobre o respeito mútuo. Certifique-se de que as pessoas reconheçam que é importante envolver os homens e meninos.



É importante envolver os homens e meninos na prevenção da VSG. Foto: Cally Spittle/Tearfund

- Certificarmos-nos de que as pessoas saibam aonde ir para procurar ajuda.

A VSG pode ser prevenida. Todos nós devemos fazer nossa parte para acabar com ela. Podemos começar quebrando nosso silêncio, iniciando conversas em nossos lares, locais de trabalho e locais de adoração. Precisamos atuar como modelos da mudança que queremos ver e inspirar os outros a fazer o mesmo.

.....

Veena O'Sullivan lidera o trabalho de VSG e construção da paz da Tearfund.

Site: www.tearfund.org/sexualviolence
E-mail: veena.osullivan@tearfund.org

O QUE CAUSA A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES?

Um homem pode dar muitas desculpas para machucar uma mulher – que ele estava bêbado, que perdeu o controle ou que ela “merecia”. Mas um homem decide usar a violência porque é uma forma de obter o que necessita ou o que acha que merece por ser homem. O poder e o controle são motivos fundamentais para a violência contra as mulheres. Os relacionamentos violentos ou abusivos frequentemente ocorrem quando uma pessoa tem mais poder sobre a outra.

Um homem pode tentar obter poder sobre uma mulher de diversas formas. A violência física (bater, dar tapas, chutar, etc.) é apenas uma delas. Outros tipos de violência contra as mulheres são:

Abuso emocional: O homem insulta a mulher, humilha-a ou faz com que ela pense que está ficando louca.

Abuso sexual: O homem obriga a mulher a realizar atos sexuais que ela não quer ou agride fisicamente as partes sexuais de seu corpo. Ele a trata como um objeto.

Controle do dinheiro: O homem tenta impedir que a mulher consiga um emprego ou ganhe seu próprio dinheiro. Ele a faz pedir o dinheiro que necessita. Ou ele pode forçá-la a trabalhar e depois tira o dinheiro que ela ganha.

Isolamento: O homem controla tudo o que a mulher faz: quem ela vê, com quem ela fala e aonde ela vai.

Ameaças: O homem usa um olhar, ação ou tom de voz para ameaçá-la, fazendo com que a mulher fique com medo de que ele a machuque.

Usar as crianças: O homem usa os filhos para fazer a mulher se sentir culpada ou para machucá-la.

.....

Adaptado a partir de Where women have no doctor, escrito por Arlene August Burns. Acesse www.hesperian.org para comprar um exemplar ou baixe o livro gratuitamente.



ESTUDO BÍBLICO

A HISTÓRIA DE TAMAR

A violência sexual não é algo que só aconteça na sociedade de hoje: ela vem acontecendo ao longo da história. A história de Tamar ilustra uma cadeia de eventos que leva a um ato devastador: o estupro de Tamar. Este estudo bíblico pode ser usado como uma ferramenta para envolver as igrejas e comunidades na questão da violência sexual, quebrando o silêncio que frequentemente envolve esta questão.

Leia 2 Samuel 13:1-22

A história de Tamar é um relato claro de um ato premeditado de violência sexual que ocorre na casa de Davi. O agressor, um meio-irmão cheio de luxúria em relação à sua meia-irmã, Tamar, admite a sua paixão por ela e é aconselhado a inventar uma história que facilitaria seu acesso a Tamar.

A violência sexual resultante tem um grave efeito sobre a jovem: ela rasga sua túnica e cobre-se de cinzas, simbolizando luto por ter sido violada. Esta história é um lembrete de que a violência sexual é uma violação dos direitos humanos. Juntos, em parceria com todas as sobreviventes de violência sexual, precisamos falar contra ela e mantê-la firmes. Devemos nos dar as mãos em oração e ação pela justiça e restauração dos relacionamentos rompidos.

DISCUSSÃO

Em pequenos grupos, conversem sobre do que se trata essa passagem da Bíblia. Depois, discutam as seguintes perguntas no grande grupo:

- Quem são os personagens dessa história, e o que sabemos sobre eles?
- Qual é o papel de cada um dos personagens masculinos no estupro de Tamar?
- O que Tamar diz e faz? Por que ela age dessa forma?
- Quais foram as oportunidades para evitar o abuso sexual durante essa história?
- Tamar manifestou-se contra seu abuso antes e depois de ele acontecer. Como as pessoas responderam a isso? Qual é a resposta às mulheres que se manifestam em nossa cultura?

O QUE PODEMOS APRENDER COM ESSA PASSAGEM?

Annom abusou de seu poder e autoridade para conseguir o que queria, apesar do dano causado a Tamar.

O silêncio das pessoas envolvidas nessa história é vergonhoso. Os cristãos não devem permanecer em silêncio em nossa sociedade se estiverem cientes de que alguém está cometendo abuso, independente do custo pessoal para eles.

O papel de Tamar no agregado familiar tornava-a vulnerável: ela não podia se recusar a servir ou cozinhar para aquele homem. Os jovens, especialmente as meninas, são muito vulneráveis à violência sexual. Precisamos garantir que eles sejam ensinados sobre os riscos desde a tenra idade

e que haja proteção eficaz para eles dentro de nossas próprias famílias e comunidades.

A violência sexual pode ocorrer em qualquer lugar, mesmo em lares e igrejas cristãs. (Davi era um homem de Deus e, no entanto, houve violência sexual em seu lar.) É importante conscientizarmos mais as pessoas de que as sobreviventes NÃO são culpadas da violência.

PONTOS PARA ORAÇÃO

Ore pela cura da dor e sofrimento causados pela violência sexual (física, mental e emocional).

Ore pela proteção de meninas como Tamar, que são vulneráveis à violência sexual.

Ore por homens e mulheres solidários e devotos, que se pronunciem contra a violência sexual e busquem proteger as pessoas mais vulneráveis.

.....
Adaptado a partir de De Mãos Dadas: Estudos bíblicos para transformar a nossa resposta à violência sexual. Veja a página de Recursos para obter mais informações.

CRIAÇÃO DE UM MOVIMENTO DE SOBREVIVENTES



As sobreviventes de VSG geralmente se mantêm em silêncio sobre sua dor. Foto: Mark Lang/Tearfund

As sobreviventes da violência sexual e de gênero (VSG) geralmente se mantêm em silêncio sobre sua provação, o que aumenta sua sensação de isolamento. As razões para não falar podem incluir ameaças dos agressores, medo de estigma e discriminação e falta de esperança de que alguém possa ajudá-las.

As sobreviventes enfrentam danos em todos os aspectos de sua vida. Elas podem sofrer:

- problemas de saúde física;
- problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade;
- dor emocional;
- problemas com sexo e intimidade;

- dependência de substâncias;
- fracasso em seguir uma carreira (por exemplo, desistir da escola);
- desintegração familiar (por exemplo, no caso de estupro por um familiar).

Os grupos de apoio permitem que as sobreviventes falem sobre sua dor em uma atmosfera de aceitação, onde podem iniciar o processo de cura.

CRIAÇÃO DE GRUPOS DE APOIO

Na África do Sul, a Tearfund e seus parceiros começaram a formar pequenos grupos de sobreviventes por meio de um programa chamado *Journey to healing* (Jornada para a cura). Este é um workshop de três dias, em

que as mulheres têm a chance de contar sua história e compartilhar sua dor através da expressão criativa. Embora este seja apenas o começo do processo de cura, isso fez uma grande diferença para elas.

Mas e o que acontece depois que elas falam sobre sua dor? Elas precisam de apoio contínuo. Assim, montamos um lugar onde elas podem se reunir semanalmente em suas comunidades. Esses grupos de seguimento geralmente usam um manual chamado *Out of the shadows, into the light* (Fora das sombras, para dentro da luz), que cobre tópicos como o perdão, entre outros. O perdão nunca pode ser forçado, mas achamos que ele é necessário para garantir que o processo de cura ocorra.

MELHORIA DOS MEIOS DE VIDA

É muito difícil sustentar a cura sem examinar outros aspectos da vida dos indivíduos. Muitas das mulheres estavam tendo dificuldade para colocar comida na mesa. Nós as ajudamos a formar grupos de poupança e crédito, permitindo-lhes fazer empréstimos para iniciar pequenos negócios. Também as ajudamos a aprender habilidades comerciais e pensar em como poderiam continuar estudando.

TREINAMENTO DE PROMOTORAS

À medida que mais grupos de apoio se formavam, percebemos que precisávamos de mais pessoas para ajudar a administrá-los. Selecionamos sobreviventes para serem o que chamamos de Promotoras e desenvolvemos suas habilidades de

DICAS PARA INICIAR UM GRUPO DE APOIO

por Adrienne Blomberg

Você não precisa fazer as coisas da mesma maneira que nós! Mas usar um manual como o Journey to healing pode ser útil. Também é útil fazer algum treinamento em habilidades de facilitação e cuidados pastorais e ter um conhecimento sólido sobre questões de VSG.

1. Crie um lugar de segurança, onde os princípios de confiança e confidencialidade sejam colocados acima de qualquer outra coisa.
 2. Garanta que as reuniões sejam facilmente acessíveis. Pode-se chegar ao local com transporte público?
 3. Certifique-se de poder oferecer apoio contínuo. Se você oferecer um workshop inicial, garanta que haja grupos de apoio para os quais as mulheres possam passar depois.
 4. Adote uma abordagem holística. Pense em maneiras de satisfazer outras necessidades que as sobreviventes possam ter, como formar um grupo de poupança e crédito.
-
- Se estiver interessado em usar Journey to healing ou outros recursos, entre em contato com Solange Mukamana pelo e-mail solange.mukamana@tearfund.org*

O QUE NÃO DIZER ÀS SOBREVIVENTES

assistência social, administração, gestão de conflitos, defesa e promoção de direitos e aconselhamento não profissional. Elas se tornaram líderes muito fortes e ajudam a garantir que o movimento seja sustentável.

SOBREVIVENTES MUDANDO A SOCIEDADE

Vimos que cada grupo vê as necessidades existentes em sua própria comunidade e apresenta uma atividade para ajudar de alguma forma. Por exemplo, em um grupo com muitas mulheres que haviam sido estupradas em idade precoce enquanto seus pais estavam no trabalho, elas perceberam que muitas crianças em sua comunidade estavam igualmente vulneráveis. Assim, elas criaram um clube de lição de casa para impedir que as crianças tivessem que ficar sozinhas em casa.

A Tearfund ganhou um prêmio da Charity Awards 2018 por seu trabalho com sobreviventes na África do Sul. Também iniciamos movimentos de sobreviventes em Burundi, Chade, RDC, Libéria, Mali, Mianmar e Nigéria. Agora, estamos planejando ampliar nosso trabalho e mobilizar um movimento global de sobreviventes.

.....

Solange Mukamana trabalha para a Tearfund na África do Sul. Para informações ou conselhos sobre como iniciar grupos de apoio a sobreviventes, entre em contato com ela através do e-mail solange.mukamana@tearfund.org



As palavras erradas podem ser como uma facada no coração para as sobreviventes de VSG.

Ao conversarmos com mulheres que sofreram abuso, precisamos oferecer-lhes segurança, e não julgá-las. Devemos estar totalmente disponíveis para ouvi-las e apoiá-las. As palavras erradas podem ser como uma facada no coração, fazendo com que as sobreviventes se sintam ainda mais desesperançadas e sozinhas. Essas mulheres precisam saber que verdadeiramente nos importamos com elas.

Aqui estão algumas coisas altamente inúteis que frequentemente são ditas às sobreviventes:

"O que você estava vestindo?"

Esta pergunta é totalmente irrelevante. O que importa é o que ela estava vestindo? Há policiais uniformizadas que foram agredidas. O Departamento de Justiça dos EUA confirmou que não há conexão alguma entre a roupa e as agressões sexuais. Perguntas como esta dão a entender que parte da culpa é da sobrevivente, quando, na verdade, o único culpado é quem cometeu o abuso.

"Por que você não fugiu ou gritou?" ou "O que você estava fazendo lá?"

Mais uma vez, esses comentários sugerem que a sobrevivente, de alguma forma, teve culpa. O abuso ocorre em todas as circunstâncias. Muitas vezes, durante uma agressão, a pessoa que está sendo atacada está em estado de choque. Pergunte a si mesmo: A pessoa não teria corrido, gritado ou evitado o local, se fosse possível? É fácil fazer essas coisas quando você está vulnerável? Como é possível evitar um lugar onde você recebe comida ou uma remuneração de que precisa muito?

"Foi realmente tão ruim assim?" ou "Você tem sorte de não ter sido tão ruim quanto o que aconteceu com a fulana de tal!"

Claro que foi ruim. Não precisamos classificar a experiência. Jamais se deve usar a palavra "sorte" quando se trata de abuso. O que aconteceu mudou a vida da pessoa: não devemos fazer comparações com as experiências dos outros.

"Porque você está chorando? Agora já acabou" ou "Acalme-se"

Essas palavras são totalmente inúteis. Chorar mostra que ainda há emoções, o que é um sinal saudável. Deus nos criou com emoções. A dor, a confusão, a raiva e muitos outros sentimentos precisam ser expressos para que a cura ocorra. Talvez as pessoas que falam essas palavras não saibam lidar com a expressão de emoções.

"Você o perdoou?" ou "Você está orando por ele?"

Como cristãos, podemos ser ferozmente legalistas. Embora o perdão seja um elemento importante do processo de cura, ele leva tempo. Nunca force as sobreviventes a orar por seus agressores: ao invés disso, ore pelas sobreviventes e com elas. Permita que elas se sintam zangadas ou até que desejem a morte do agressor. O tempo virá quando será possível perdoar, um passo de cada vez.

"Tudo faz parte do plano de Deus" ou "Deus disciplina aqueles que ele ama"

Esses comentários são muito cruéis nesse contexto. Deus é um Pai amoroso, que só tem bons planos para nós. Observações semelhantes podem ser feitas em contextos budistas, tais como: "Este deve ser o seu karma". Sempre assegure à mulher que o abuso nunca faz parte do plano de Deus e que ninguém o merece.

Devemos apoiar nossas irmãs que sofrem com a atitude certa, sem julgá-las e nos colocando ao seu dispor. Aprenda com Provérbios 16:24: "As palavras agradáveis são como um favo de mel, são doces para a alma e trazem cura para os ossos".

.....

Adrienne Blomberg é uma consultora que trabalha para a Tearfund na Libéria, apoiando sobreviventes da VSG.

E-mail: ablombergwork@gmail.com

por J. Mark Bowers

COMO QUEBRAR A CADEIA ECONÔMICA DA VSG

Maribel* nunca imaginou que um empréstimo de US\$ 30 pudesse fazer dela uma escrava...

Quando seu marido adoeceu vários anos atrás, Maribel vendeu sua terra para pagar as despesas médicas. Depois, vendeu seu gado e tudo o mais que possuíam, em busca de uma cura. Mas foi tudo em vão. Seu marido acabou morrendo em sua casa de um cômodo nos arredores de La Paz, na Bolívia.

Sem nenhum dinheiro e desesperada para encontrar trabalho, Maribel e sua filha conseguiram um trabalho de limpeza em Potosí, uma província distante. O trabalho ficava muito longe de sua comunidade, mas o empregador providenciou alojamento e deu a Maribel um empréstimo de US\$ 30 para suas despesas de mudança. Depois de trabalhar por apenas uma semana, Maribel percebeu a verdade: com o salário que recebia, ela nunca conseguiria pagar essa dívida. Seu empregador era seu proprietário.

Ele se tornou cada vez mais violento e abusivo, pagando a Maribel apenas o suficiente para que ela comesse e fizesse os pagamentos de seu empréstimo. Quando ficavam zangados, seu chefe e seus gângsteres torturavam Maribel e outras trabalhadoras, queimando-as com cigarros. Quando eles estavam bêbados, muitas vezes atacavam e estupravam as mulheres. Como

haviām subornado a polícia local há muito tempo, esses homens não tinham medo da justiça, e as mulheres não tinham para onde ir em busca de segurança.

Maribel estava encurralada.

Infelizmente, a história de Maribel não é uma tragédia estranha e única, mas uma realidade diária para muitas mulheres por todo o mundo. A impotência e o medo incapacitante mantêm pessoas como Maribel em silêncio – e muitas vezes escondidas em plena vista. Hoje, mais de 40 milhões de pessoas por todo o mundo estão presas em servidão por meio de trabalho escravo e casamentos forçados. As pessoas materialmente pobres, especialmente as mulheres, são altamente vulneráveis a esse tipo de exploração, que muitas vezes leva à violência.

O que você pode fazer para evitar a violência sexual e de gênero em sua comunidade? Abaixo estão algumas ideias inspiradas no trabalho da Paz y Esperanza, uma organização de direitos humanos que trabalha lado a lado com governos locais na América Latina.

ENGAJAMENTO DO GOVERNO LOCAL

Para protegê-las da violência, as pessoas mais pobres do mundo precisam de sistemas

de justiça pública – polícia, magistrados, tribunais – que funcionem para elas. Se não houver consequências para os empregadores opressivos, de que forma as mulheres como Maribel poderão se beneficiar com os hospitais, escolas, poços, latrinas e bancos de microfinanças que podemos construir? Se não houver nada que proteja as mulheres mais pobres contra a violência e a escravidão, de que forma elas poderão poupar e investir para sair da pobreza? A Paz y Esperanza aborda este problema na raiz, equipando os cidadãos locais, bem como seus sistemas de justiça pública.

ORGANIZAÇÃO DE OFICINAS DE CONSCIENTIZAÇÃO

Em muitas comunidades rurais, o machismo e a violência tornaram-se uma realidade aceita. Para desafiar essas normas, a Paz y Esperanza organiza oficinas de conscientização em igrejas e centros comunitários. O objetivo é ajudar as mulheres a aumentar sua resiliência e melhorar sua renda para se tornarem menos vulneráveis à violência.

Esses workshops incluem discussões sobre tudo, desde autoestima e habilidades de comunicação até abordagens saudáveis para disciplinar os filhos. As mulheres são treinadas para falar publicamente em sua comunidade local, usando um megafone para transmitir essas mensagens sobre a cultura familiar saudável a seus vizinhos. Uma vez que é formado um grupo de 25 mulheres empoderadas, a Paz y Esperanza treina-as e organiza-as para iniciar um projeto de defesa e promoção de direitos ou empreendedorismo.

MAIOR PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

No Peru, os governos locais realizam anualmente uma "consulta orçamentária participativa", permitindo que os cidadãos digam o que querem que seja financiado. Na região de Ayacucho, esta consulta tradicionalmente é dominada pelos homens, que propõem planos de infraestrutura e irrigação.

Vários anos atrás, em uma comunidade, a Paz y Esperanza começou a trabalhar com as mulheres para ajudá-las a expressar



Meninas participando de uma campanha de conscientização para reduzir a VSG. O cartaz diz: "Você é amável, é inteligente, é importante". Foto: Paz y Esperanza



☑ A Paz y Esperanza ajuda mulheres empreendedoras a desenvolver e comercializar seus produtos.
Foto: Paz y Esperanza

suas necessidades. As mulheres locais concordaram que suas principais prioridades eram a segurança pessoal, oportunidades de trabalho para as mulheres e o fim da violência contra elas.

A Paz y Esperanza ajudou a registrar o grupo de mulheres, fornecendo-lhes uma estrutura formal para se representarem. As mulheres elegeram várias líderes e apresentaram sua proposta na consulta orçamentária. Elas ouviram palavras de protesto de alguns: "Por que essas mulheres estão aqui? Elas deveriam ficar quietas num canto". Mas, no final, a proposta bem escrita das mulheres, assinada pela maioria das mulheres da comunidade, recebeu financiamento.

A Paz y Esperanza facilitou este processo em várias províncias. Em muitas ocasiões, a participação das mulheres garantiu o financiamento de oficinas de empreendedorismo e campanhas contra a violência.

CRIAÇÃO DE TRABALHO PARA MULHERES VULNERÁVEIS

Juntamente com a promoção da conscientização e mudança em larga escala, a Paz y Esperanza dirige o projeto *Mujeres Emprendedoras*, na província de Chincheros. Este projeto visa desenvolver habilidades de empreendedorismo em mulheres com educação formal limitada que sofreram violência. Graças aos esforços de defesa e promoção de direitos da Paz y Esperanza, o

governo do distrito local agora realiza feiras de alimentos regulares, onde as mulheres têm acesso ao mercado de trabalho, testando e melhorando seus produtos alimentícios e sobremesas.

"Algumas mulheres que nunca tiveram sucesso nos negócios agora vendem comidas típicas – mondongo, *arroz con pollo* ou sonhos de quinoa", diz Kathia Alminagorta, funcionária da Paz y Esperanza em Ayacucho. "Pouco a pouco, as mulheres estão sendo libertadas da dependência econômica que as prendem a parceiros violentos."

A Paz y Esperanza também ajudou grupos de mulheres a se candidatarem ao financiamento inicial do governo local para iniciar pequenos negócios. Um dos mais bem-sucedidos é um grupo de sete mulheres que iniciaram um negócio de sucos chamado Chica Express, vendendo suco na estrada para os ônibus e carros que passam. A Paz y Esperanza ajuda grupos como esse a elaborar um plano de negócios, apoiando-os até que eles tenham confiança para vender sozinhas.

SIMPLIFICAÇÃO DO ACESSO AO ATENDIMENTO

Devido ao medo, à vergonha e às pressões culturais, em Ayacucho, apenas dois por cento das sobreviventes denunciam a violência cometida contra elas. Mesmo depois de criarem coragem, as mulheres das zonas rurais, em particular, lutam para acessar os serviços de justiça, já que precisam percorrer grandes distâncias para obter ajuda, muitas vezes a pé, de ônibus ou na traseira de caminhões. Como os prestadores desses serviços geralmente estão longe uns dos outros, as mulheres com pouco dinheiro, tempo ou compreensão do processo não conseguem obter proteção.

Em resposta a isso, a Paz y Esperanza ajudou a criar o CASE (*Centro de Atención Socioemocional*), um centro que opera em parceria com o governo local e ONGs. O CASE fornece espaço para policiais, aos quais as mulheres podem denunciar crimes; promotores, que podem dar uma ordem judicial restritiva; e assistentes sociais, que podem conectar as mulheres a recursos para cuidados contínuos.

PROMOÇÃO DE GRUPOS DE POUPANÇA E CRÉDITO

Em vista da ligação entre a violência e as dificuldades financeiras, a Paz y Esperanza promove grupos de poupança, que reduzem a vulnerabilidade das mulheres à exploração. Nesses grupos financeiros, as participantes

pouparam e emprestam seu dinheiro umas às outras em um contexto justo e seguro de amizade. Esses grupos são particularmente eficazes em comunidades onde não há serviços de poupança e crédito acessíveis e onde os agiotas cobram juros de até 180%. As participantes também constroem um "capital social" – um profundo senso de conexão e apoio relacional que as protege em épocas difíceis da vida.

O currículo de *Restore: Savings* (Restaure: Poupança), do Centro Chalmers, foi criado especificamente para que as igrejas promovam grupos de poupança entre pessoas economicamente vulneráveis. Em todo o mundo, as mulheres que participam desses grupos contam que deixam de sentir vergonha, sentem uma maior conexão e mais resiliência.

* O nome foi alterado para proteger a identidade.



QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

- Que ligação entre a vulnerabilidade econômica e a violência sexual e de gênero há em sua comunidade?
- Que medidas você e sua igreja/ organização podem tomar para quebrar essa cadeia?

J. Mark Bowers é o diretor de design do The Chalmers Center e membro do conselho da Paz y Esperanza.

Site: www.pazyesperanza.org
E-mail: mark.bowers@chalmers.org

Visite www.chalmers.org/resources/from-dependence-to-dignity para baixar o currículo de *Restore: Savings*, do Chalmers Center. Disponível de forma gratuita em inglês, francês e espanhol.

COMPREENDA A MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA/CORTE

A *mutilação genital feminina/corte (MGF/C)* descreve o ato de cortar, destruir ou remover algumas ou todas as partes externas dos órgãos reprodutivos femininos.

Estima-se que mais de 200 milhões de mulheres por todo o mundo tenham sido submetidas à MGF/C, e que, a cada ano, mais 3 milhões de meninas sejam "cortadas".

POR QUE E ONDE ISSO ACONTECE?

A MGF/C é uma prática prejudicial que vem ocorrendo há mais de 2.000 anos. As pessoas costumam pensar que a MGF/C é realizada por motivos religiosos, mas a prática começou antes de qualquer uma das principais religiões e não é exigida por nenhuma religião.

Os motivos por que a MGF/C continua sendo praticada hoje são complexos. Os motivos da MGF/C incluem:

- expectativas da família/sociedade e para manter a honra da família
- tradição e/ou o pensamento errôneo de que ela seja uma exigência religiosa
- a ideia de que ela preserve a virgindade e impeça a promiscuidade
- aceitação social/comunitária
- a falsa crença de que ela seja melhor para limpeza/higiene
- a ideia errônea de que ela prepare as meninas para serem mulheres e permita que elas tenham um bom casamento.

A MGF/C ocorre principalmente em 30 países da África e do Oriente Médio, em algumas áreas do Sudeste Asiático (inclusive a Indonésia, a Índia, a Malásia e o Paquistão) e também em certas comunidades estabelecidas por todo o mundo.

A ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS) DIVIDIU A MGF/C EM QUATRO TIPOS

TIPO 1

CLITORIDECTOMIA: Remoção parcial ou total do clitóris (uma parte pequena, sensível e erétil dos órgãos genitais femininos) e, em casos muito raros, apenas do prepúcio (a dobra da pele ao redor do clitóris).

TIPO 2

EXCISÃO: Remoção parcial ou total do clitóris e dos pequenos lábios (as duas dobras internas da pele de cada lado da abertura da vagina). Pode incluir o corte dos grandes lábios (as dobras externas da pele).



TIPO 3

INFIBULAÇÃO: Estreitamento do orifício vaginal através da criação de um membro selante. O selo é formado pelo corte e reposicionamento dos pequenos lábios ou grandes lábios, às vezes por meio de pontos. Pode ou não incluir a remoção do clitóris.

TIPO 4

OUTROS PROCEDIMENTOS PREJUDICIAIS: Todos os outros procedimentos prejudiciais à genitália feminina para fins não médicos como, por exemplo, furar, perfurar, cortar, raspar e cauterizar.

A *mutilação genital feminina/corte (MGF/C)* é uma questão que precisa urgentemente ser revelada e cobatida.

Somente através da discussão aberta desta prática, as comunidades compreenderão totalmente os riscos que ela representa para a saúde e o bem-estar de milhões de meninas e mulheres.

Você pode usar essas páginas para ajudar a explicar às pessoas em sua comunidade sobre os problemas causados pela MGF/C. Se a MGF/C não for praticada em sua comunidade, considere a possibilidade de apoiar as organizações que trabalham para acabar com ela nas comunidades onde é realizada.

COMO A MGF/C AFETA AS MENINAS E MULHERES?

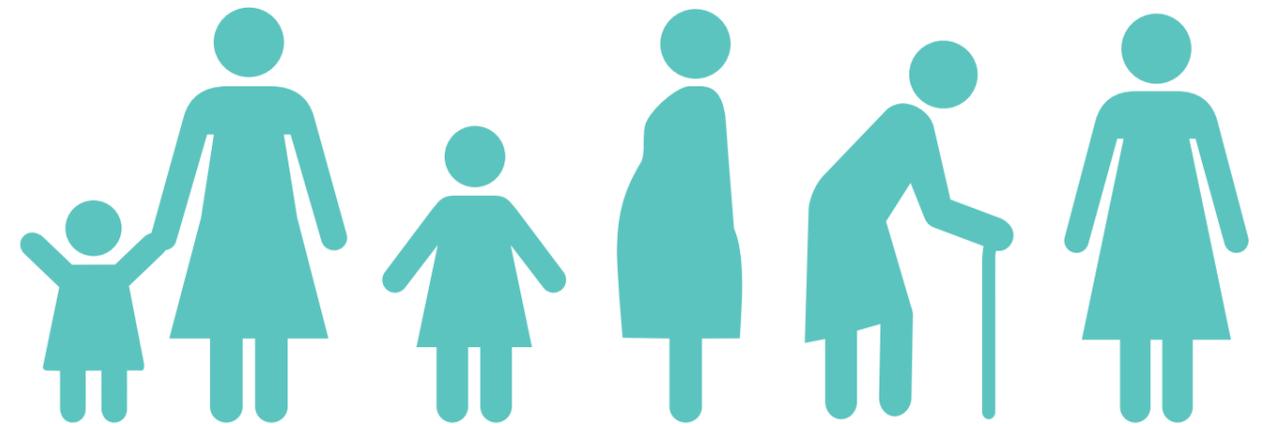
A MGF/C não traz benefício algum para a saúde e causa muitos danos.

OS PROBLEMAS IMEDIATOS PODEM INCLUIR...

- dor muito intensa, às vezes levando a desmaios;
- sangramento excessivo, que pode levar à anemia;

- infecções com risco de morte, inclusive tétano e septicemia;
- problemas para urinar por medo ou por ter muita dor para ir ao banheiro, o que pode levar a sérios problemas de saúde;
- danos ao trato urinário;

- choque e trauma;
- morte, geralmente resultante de infecção grave ou não tratada ou sangramento excessivo.



OS EFEITOS DE LONGO PRAZO PODEM INCLUIR...

- deformação permanente das partes genitais femininas e formação de tecido cicatricial;
- várias complicações durante o parto, inclusive trabalho de parto prolongado e sangramento excessivo, o que pode representar uma ameaça à vida da mãe e do bebê se não houver um bom atendimento médico disponível;

- problemas durante as relações sexuais, inclusive dor, falta de desejo, ressecamento vaginal e dificuldade para atingir o orgasmo;
- lacerações entre a parede da vagina e o reto e/ou a bexiga, o que pode levar à incontinência;
- fusão labial em algumas mulheres – especialmente no tipo 2 e no tipo 3 de MGF/C onde a carne ao redor da vagina se fecha;

- dificuldade para urinar e menstruar, especialmente se tiver sido realizada infibulação (tipo 3), que restringe o fluxo de sangue e urina;
- impactos psicológicos, inclusive um medo persistente de envolvimento sexual, mesmo com um parceiro amado. Algumas sobreviventes relatam memórias vividas do momento do corte.

Adaptado de recursos de 28 Too Many (www.28toomany.org), da ficha técnica sobre a MGF/C da Organização Mundial da Saúde e do kit de ferramentas da Tearfund, Revelar, que oferece apoio a comunidades para lidar com questões ocultas. Acesse www.tearfund.org/Reveal/PT

por Loida Carriel Espinoza

MULHERES UNIDAS PELA JUSTIÇA

São Francisco, no cinturão de pobreza da cidade de Guayaquil, no Equador, é uma comunidade com altos níveis de criminalidade e pouco acesso aos serviços básicos. No Equador, seis em cada dez mulheres sofrem violência de gênero. São Francisco é dominada por uma cultura de machismo: em uma pesquisa recente, 71% dos homens disseram que ficariam zangados se suas esposas saíssem sem permissão.

MULHERES VALENTES E EMPREENDEDORAS

Em 2016, a organização Paz y Esperanza começou a trabalhar em São Francisco, sensibilizando as pessoas sobre a violência contra mulheres e crianças. Depois de um ano, a Paz y Esperanza trabalhou com a comunidade para identificar 30 mulheres fortes e de confiança, que poderiam ser treinadas para atuar como uma força de mudança de longo prazo. Eles chamaram esse grupo de Mulheres Valentas e Empreendedoras. Mais da metade dessas mulheres eram de igrejas locais. Muitas viviam em extrema pobreza e tinham pouca instrução.

Com o apoio da Paz y Esperanza, as mulheres desenvolveram suas habilidades de liderança e defesa e promoção de direitos. Elas aprenderam sobre o processo de justiça, as leis de prevenção da violência e como desenvolver campanhas de conscientização e realizaram tarefas práticas, como visitar os tribunais.

"As mulheres da minha comunidade são muito indefesas e frequentemente

violadas", diz Rita Moreira, a líder das Mulheres Valentas e Empreendedoras. "Mas agora somos 30 mulheres, com coragem para nos sentarmos em frente às autoridades, exigir nosso direito a uma vida livre de violência e promover a justiça. Isso mudou o futuro de São Francisco."

EM DEFESA DE CLAUDIA

Em agosto de 2018, as Mulheres Valentas e Empreendedoras foram chamadas a colocar seus conhecimentos e habilidades em prática. Claudia*, uma jovem mãe de São Francisco, havia sido sequestrada, espancada e estuprada. Quando finalmente conseguiu fugir, ela foi direto à polícia de São Francisco. No entanto, o policial de plantão recusou-se a ajudar, dizendo que aquele não era o lugar correto para fazer denúncias. Claudia, então, foi ao tribunal de família, que lhe disse que não poderia lidar com o caso por se tratar de estupro, e não de violência doméstica. Ela finalmente conseguiu chegar à polícia judiciária, a muitos quilômetros de sua casa. Mas eles a mandaram para casa, dando-lhe apenas uma consulta marcada para uma avaliação psicológica meses mais tarde.

Desesperada por ajuda, Claudia entrou em contato com a Paz y Esperanza, que a levou para ver as Mulheres Valentas e Empreendedoras. O fracasso do sistema de justiça havia sido escandaloso, assim, as mulheres decidiram levar o caso à mídia. Elas entraram em contato com a emissora de notícias local mais popular e de maior credibilidade, que imediatamente fez uma reportagem sobre a história. Cinco minutos

depois, a chefe de polícia, Tania Varela, entrou em contato com a Paz y Esperanza para obter mais informações. Nesse mesmo dia, as Mulheres Valentas e Empreendedoras reuniram-se com a chefe de polícia Varela.

RESULTADOS SURPREENDENTES

Depois de algumas reuniões com vários funcionários da justiça, o grupo de mulheres alcançou os seguintes resultados:

- A chefe de polícia pediu desculpas e prometeu fazer melhorias.
- Claudia recebeu proteção policial 24 horas por dia.
- O policial que havia se recusado a ajudar Claudia foi demitido.
- Foram designados mais policiais para São Francisco. Agora há rondas policiais comunitárias, e foram instalados botões de pânico nas casas.
- A chefe de polícia pediu à Paz y Esperanza que treinasse os policiais em prevenção da violência e igualdade de gênero.

O caso de Claudia está sendo tratado de forma adequada, e espera-se que seu agressor seja levado à justiça em breve.

** O nome foi alterado para proteger a identidade.*

As Mulheres Valentas e Empreendedoras de São Francisco estão lutando pela justiça em sua comunidade.
Foto: Paz y Esperanza



IDEIA SOBRE COMO USAR ESTE ARTIGO

- Há alguma organização local como a Paz y Esperanza, à qual você poderia pedir treinamento em promoção e defesa de direitos e violência sexual e de gênero?

Loida Carriel Espinoza é a Assessora Regional de Advocacy da Tearfund.

Site: www.pazyesperanza.org
E-mail: loida.carriel@tearfund.org

DRAMATIZE! O USO DE DRAMATIZAÇÕES PARA DISCUTIR A VSG



As dramatizações podem ajudar as pessoas a refletir sobre a violência sexual e de gênero em um contexto seguro.

As dramatizações permitem que as pessoas mostrem situações que podem acontecer na vida real. Isso as ajuda a discutir tópicos que consideram privados ou pessoais. As atividades a seguir ajudam as pessoas a pensar sobre o motivo da violência e as diferentes formas como a violência sexual e de gênero (VSG) pode ser prejudicial. As atividades podem funcionar bem com um grupo de mulheres e homens juntos.

Observação: as situações de dramatização que incluem violência podem ser desagradáveis para alguns participantes. Estas dramatizações devem ser realizadas como parte de um programa de conscientização mais amplo sobre a VSG.

PREPARAÇÃO PARA A DRAMATIZAÇÃO

Reúna alguns acessórios e roupas que as pessoas possam usar (por exemplo, sacolas de compras, um chapéu masculino e uma máquina de costura).

DRAMATIZAÇÃO: A VSG AFETA TODOS

- Divida os participantes em grupos de cerca de cinco pessoas cada. Dê a cada grupo uma breve descrição de uma situação que pode levar à violência, como os exemplos abaixo. (Você pode dar alguma orientação sobre não ir longe demais ao descrever a violência no drama.) Peça-lhes que passem de 15 a 20 minutos preparando

uma dramatização de cinco minutos para apresentar a situação e o que eles acham que acontecerá.

- Peça a cada grupo para apresentar sua situação.

- Depois que todos os grupos tiverem se apresentado, peça-lhes que ponham de lado seus acessórios e fantasias. Em seguida, peça aos participantes que formem três novos grupos com base em seus papéis de "vítimas", "abusadores" e "testemunhas". Peça a cada um desses grupos que descreva como se sentiu em seu papel.

- Peça a cada um dos três grupos que diga como acha que a violência afetou os personagens representados por ele. Que mal ela poderia causar?

- Pergunte aos participantes como eles se sentiram assistindo à dramatização dos outros grupos. Como eles foram afetados?

- Para concluir, peça ao grupo como um todo que fale sobre as diferentes maneiras como a VSG prejudicou as mulheres nas dramatizações. Resuma as ideias do grupo sobre como a violência também prejudica os filhos e a família das mulheres, os que testemunham a violência e a comunidade. A seguir, você pode continuar com uma discussão sobre as causas da VSG.

DRAMATIZAÇÃO: "FINAIS FELIZES" PARA PENSAR EM MUDANÇA

- Peça aos grupos que apresentaram as situações que se reúnam separadamente novamente por 15 minutos e discutam como cada personagem poderia ter agido de forma diferente para que a situação não terminasse em violência. Peça-lhes que tomem cuidado para não colocar toda a responsabilidade sobre a mulher!

- Peça-lhes que apresentem cada situação novamente, desta vez mudando o que acontece para que ela termine sem violência.

- Pergunte aos participantes o que eles acham que ajudou os personagens a fazer algo de forma diferente.

- Discuta ideias para mudar as causas da VSG. Peça ao grupo que pense em maneiras de ajudar os outros na comunidade a ver o problema e os danos que ele causa. O grupo pode estar pronto para planejar algumas ações específicas.

SITUAÇÃO 1

Personagens

- abusador: marido
- vítima: esposa
- testemunhas: filhos e a irmã mais nova da esposa

A esposa chega em casa tarde de uma reunião da comunidade. O marido teve um dia difícil e já está com raiva porque não havia jantar pronto quando chegou em casa. A irmã mais nova da esposa cuida dos filhos. Eles estão todos em casa, esperando a esposa chegar. O que você acha que acontecerá a seguir?

SITUAÇÃO 2

Personagens

- abusador: chefe de uma fábrica que explora os empregados
- vítima: trabalhadora
- testemunhas: trabalhadores que recebem seu salário primeiro e deixam o local

Uma jovem trabalha há uma semana em uma pequena fábrica confecções. Quando ela vai receber seu pagamento, o chefe manda-a voltar mais tarde. Ele a faz esperar até que todos tenham saído da fábrica e manda-a entrar em seu escritório sozinha. O que você acha que acontecerá a seguir?

.....

Adaptado de Health actions for women (Ações de saúde para mulheres), escrito por Melissa Smith, Sarah Shannon e Kathleen Vickery. Acesse www.hesperian.org



por Prabu Deepan



Um grupo no Brasil participa de uma atividade de Transformando Masculinidades sobre gênero, poder e status. Foto: Prabu Deepan/Tearfund

TRANSFORMANDO MASCULINIDADES

A ABORDAGEM DA TEARFUND PARA ACABAR COM A VSG

O que podemos fazer para acabar com a violência sexual e de gênero (VSG) em nosso lar e nossa comunidade? A Tearfund desenvolveu uma nova abordagem baseada na fé chamada Transformando Masculinidades para ajudar a alcançar esse objetivo.

A desigualdade entre os homens e as mulheres é uma das forças motrizes por trás da VSG. Se quisermos realmente acabar com a desigualdade de gênero, precisaremos abordar as ideias prejudiciais das pessoas sobre o que significa ser homem ou mulher.

Até agora, muitos programas de desenvolvimento concentraram-se em aumentar a conscientização sobre a VSG e empoderar mulheres, meninas e sobreviventes e defender seus direitos. No entanto, o que tem faltado é o engajamento com os homens e meninos, que formam o

principal grupo a praticar a violência (e, às vezes, também são vítimas eles próprios). Além disso, os homens ocupam posições de poder e influência em muitos contextos – na cultura, na política e na igreja. Se nos engajarmos com eles de maneira significativa, eles poderão atuar como grandes aliados para promover a igualdade de gênero.

A abordagem Transformando Masculinidades aborda as diferentes ideias que as pessoas têm sobre o que significa ser homem – no lar, nos relacionamentos, na comunidade e na sociedade em geral. Às vezes, a sociedade ensina os homens a se comportarem de maneira prejudicial para si mesmos e para outros, especialmente para as mulheres e meninas. Transformando Masculinidades cria um espaço para discussões, reflexões, responsabilização e uma jornada compartilhada com outros homens para

quebrar o ciclo da violência. A abordagem promove os aspectos positivos de ser homem, tomando Jesus como nosso exemplo.

UTILIZAÇÃO DA FÉ E DAS ESCRITURAS

A maioria das pessoas do mundo segue uma tradição religiosa ou fé. Às vezes, os líderes religiosos (que geralmente são homens) e certas interpretações dos textos das escrituras podem reforçar as crenças que dão aos homens mais poder e valor do que às mulheres. Essas interpretações prejudiciais permitem que a desigualdade de gênero continue e frequentemente são usadas para justificar a violência e envergonhar as sobreviventes da VSG.

No entanto, as tradições e os líderes religiosos podem igualmente atuar como agentes poderosos para a mudança no combate à VSG. A abordagem



LÍDERES RELIGIOSOS

Líderes religiosos nacionais, municipais e comunitários são convidados a participar de oficinas que os engajam para liderar e apoiar o processo Transformando Masculinidades.



PROMOTORES DE GÊNERO

Líderes religiosos comunitários escolhem membros-chave do sexo masculino e do sexo feminino em sua comunidade para serem treinados como "Promotores de Gênero". Os Promotores de Gênero são treinados com o manual *Transformando Masculinidades*.



DIÁLOGOS COMUNITÁRIOS

Os Promotores de Gênero lideram sessões semanais de discussão para pequenos grupos de homens e mulheres em suas comunidades por seis semanas. Da 1ª à 5ª semana, os debates são realizados em grupos do mesmo sexo e, na 6ª semana, em grupos mistos. Os Promotores de Gênero usam um manual chamado *Diálogos Comunitários* para liderar as discussões. As sessões são compostas de reflexões sobre as escrituras e outras ferramentas para encorajar diálogos sinceros. São usadas as escrituras para ajudar a abordar ideias prejudiciais sobre a desigualdade de gênero e a VSG.

Transformando Masculinidades engaja líderes religiosos e treina "Promotores de Gênero", os quais, então, facilitam diálogos comunitários.

QUAL É O IMPACTO?

A abordagem Transformando Masculinidades atualmente está sendo usada em oito países, entre eles, Brasil, Burundi, República Democrática do Congo, Mianmar e Nigéria. Até agora, a Tearfund treinou mais de 400 líderes religiosos e 200 Promotores de Gênero, sendo que mais de 3.000 pessoas concluíram os diálogos comunitários. Os resultados e dados de monitoramento iniciais mostraram:

- uma redução significativa na violência por parceiro íntimo;
- mais discussões sobre gênero;
- uma redução da violência de gênero entre homens e mulheres;
- líderes religiosos falando mais sobre a violência de gênero em seus cultos;
- um apoio melhor para as sobreviventes;
- homens participando mais das tarefas domésticas;
- melhoria nos processos de tomada de decisão nas famílias.

Acreditamos que a abordagem Transformando Masculinidades ajudará

a mudar o comportamento individual e construir uma sociedade livre de todas as formas de VSG.

Prabu Deepan lidera o trabalho da Tearfund sobre gênero e masculinidades.

Site: www.tearfund.org/transformingmasculinities
E-mail: prabu.deepan@tearfund.org

ATIVIDADE EM GRUPO

JESUS, NOSSO MODELO

Esta reflexão bíblica para um pequeno grupo foi adaptada a partir do manual *Transformando Masculinidades*.

Leia *Efésios 5:22-25*

Peça aos participantes que formem três grupos. Cada grupo deverá fazer uma lista de 10 a 12 características dos homens de sua comunidade e, em seguida, 10 a 12 de Jesus Cristo.

Peça a cada grupo que discuta o seguinte e apresente os principais pontos ao grande grupo, dando-lhes 20 minutos para uma discussão/reflexão:

Grupo 1: Observe os relacionamentos. Como Jesus interagia com sua família, amigos, colegas, discípulos e as mulheres que o seguiam?

Pensamentos orientadores:

Se os homens, hoje, fossem como Jesus, como eles tratariam as mulheres? E as meninas? E as filhas? E as irmãs? E as esposas? E as mães? Que tipo de pais/esposos eles seriam? (Pense em Jesus lavando os pés de seus discípulos (João 13:1-17), cozinhando para Pedro (João 21:10-14), dizendo a Marta que dar atenção a ele era mais importante do que correr de um lado para outro

(Lucas 10:38-42), chorando por seu amigo Lázaro (João 11:17-43), etc.)

Grupo 2: Como Jesus reagia diante daqueles que eram estigmatizados por sua comunidade, como as mulheres rejeitadas e discriminadas?

Pensamentos orientadores:

Se os homens, hoje, fossem como Jesus, como eles responderiam às sobreviventes de abuso? Eles culpariam as "vítimas"? Eles as estigmatizariam? Eles as rejeitariam? Eles permitiriam que elas fossem abusadas novamente? (Veja como Jesus trata a mulher samaritana (João 4:4-26), a mulher com hemorragia (Lucas 8:43-48), a mulher surpreendida em adultério (João 8:1-11), a mulher que lavou seus pés (Lucas 7:36-50), etc.)

Grupo 3: Que tipo de líder foi Jesus? Como ele liderou? Como ele ensinou? Como ele interagiu com as pessoas que liderava?

Pensamentos orientadores:

Se os homens e as mulheres quiserem ser líderes como Jesus, como eles deverão liderar? Como eles liderariam para acabar com a VSG? Como eles abordariam a desigualdade de gênero?



E a poligamia? E as práticas nocivas em casa, em nossas igrejas e em nossa comunidade? (Foque em Jesus como líder-servo: ele veio para servir, e não para ser servido; ele liderou com humildade, amor, compaixão e empatia.)

PARA CONCLUIR...

Saliente que podemos ver que Jesus foi um ótimo exemplo para os homens. Mesmo em circunstâncias que nem sempre eram justas ou corretas, ele mantinha seu autocontrole. Ele ficava irado, mas nunca foi violento. Na verdade, ele falava contra a violência. Ele se comunicava sem agressividade e era paciente, atendendo às pessoas em suas necessidades. Mais importante ainda: ele rejeitava todas as normas sociais, religiosas e culturais sobre como ser homem naquela época.

Peça aos participantes que reflitam sobre como eles podem promover este modelo em suas comunidades, igrejas e lares e como eles, pessoalmente, podem ser exemplos desse comportamento.

GRUPOS DE AÇÃO COMUNITÁRIA



Os membros dos Grupos de Ação Comunitária reúnem-se para apoiar as sobreviventes da VSG. Foto: GAC Mungeradji

Em regiões remotas como o leste da República Democrática do Congo (RDC), as sobreviventes da violência sexual e de gênero (VSG) frequentemente têm dificuldades para obter apoio. Elas podem não estar cientes dos serviços disponíveis, e as instalações como os centros de saúde podem estar distantes. A Tearfund e seus parceiros criaram Grupos de Ação Comunitária para ajudar a resolver esse problema.

Os Grupos de Ação Comunitária (GAC) são compostos por cerca de 10 a 15 pessoas, que se reúnem para ajudar as sobreviventes individualmente. Os membros podem incluir líderes comunitários, agentes de saúde, líderes religiosos, professores de escolas e funcionários de confiança da polícia. O ideal é que haja um número igual de membros do sexo masculino e do sexo feminino. A Tearfund e seus parceiros treinam os

membros sobre VSG, formas de apoiar as sobreviventes e os serviços locais disponíveis.

O grupo reúne-se regularmente para lidar com casos de sobreviventes em sua comunidade. Às vezes, uma sobrevivente pode entrar em contato com o GAC, mas, frequentemente, os membros ouvem sobre o caso através da comunidade e oferecem apoio. O GAC elabora um plano individual para cada sobrevivente. Por exemplo, ele pode providenciar encaminhamento para centros de saúde e acompanhar as sobreviventes, se elas desejarem, ou ajudar a família da sobrevivente a entender o que aconteceu.

Um GAC foi particularmente bem-sucedido porque o capelão do exército local juntou-se a ele e desempenhou um papel importante na educação da equipe policial e do exército. Como a maioria dos GAC criados pela

Tearfund na RDC, o grupo continua ativo anos depois do término do financiamento.



QUESTÃO PARA DISCUSSÃO

- Você poderia formar um Grupo de Ação Comunitária para ajudar sobreviventes da VSG na sua área? De que recursos e treinamento você precisaria e como você divulgaria os serviços do grupo?

Para obter mais informações sobre os GAC, envie um e-mail para Elena Bezzolato, Coordenadora de Programas da Tearfund para VSG em Resposta Humanitária: elena.bezzolato@tearfund.org



ESTUDO DE CASO: DA REJEIÇÃO PARA UMA NOVA VIDA

Meu nome é Ariane e moro em Kivu do Norte, na RDC. Eu tinha 14 anos quando estava sozinha em casa uma tarde, e um homem arrombou nossa casa e me estuprou. Fiquei machucada, confusa e com dor. Eu não conseguia entender o que havia acontecido.*

Minha família reagiu muito mal e ficou com vergonha do que havia acontecido comigo. A reação deles foi me rejeitar e me expulsar da casa da nossa família. Felizmente, um parente idoso acolheu-me e ofereceu-me abrigo. Com o passar das semanas, as pessoas do nosso povoado começaram a conversar e me apontar o dedo, dizendo que eu estava grávida. Eu tinha 14 anos, portanto, não sabia.

Foi aí que o Grupo de Ação Comunitária (GAC) veio me ver. Eles me levaram para o

centro de saúde local, onde recebi cuidados e apoio. Os membros do GAC não ficaram só nisso. Eles continuaram me levando para o centro de saúde para exames, eles me aconselharam e agiram como mediadores entre minha família e eu.

A mudança não aconteceu da noite para o dia, mas, depois de algumas semanas, minha família entendeu e aceitou o que os membros do GAC disseram. Eles me levaram de volta para casa e me ajudaram durante a gravidez.

Os membros do GAC continuaram me apoiando, oferecendo conselhos e incentivando-me a voltar para a escola. Eu voltei para a escola e obtive meu diploma, o que agora me permite ensinar em uma das escolas locais.

O GAC também interveio em nossa igreja, onde fui recebida novamente em comunhão. Foi nesta mesma igreja que conheci o homem que agora é meu marido. Agora, sou uma mulher casada, com um filho saudável de sete anos de idade.

Posso dizer com certeza que minha vida não seria o que é agora se não fosse pelos membros do Grupo de Ação Comunitária e seu apoio. Eu quero agradecer a eles. Eles são minha família. Eu nunca vou esquecê-los e pretendo permanecer em contato com todos eles.

** O nome foi alterado para proteger a identidade.*

O QUE FAZER SE TIVER SIDO ESTUPRADA

Ser estuprada ou abusada sexualmente é uma experiência extremamente traumática. Abaixo estão alguns conselhos sobre o que fazer depois de uma agressão como esta. Muitos países têm organizações específicas, centros de referência ou linhas de ajuda para apoiar as sobreviventes durante o processo.

1 SEGURANÇA PRIMEIRO

Garanta sua segurança pessoal indo para um lugar seguro.

2 MANTENHA AS PROVAS

Pode haver provas do ataque em seu corpo ou na sua roupa, que podem ser usadas em um processo judicial.

Se você desejar, elas podem ser coletadas em um exame médico. Para se certificar de que as provas não sejam danificadas, antes de procurar um centro médico:

- Não tome banho.
- Não jogue fora suas roupas. Se você trocar de roupa, enrole-as em um saco de papel, se possível (não em um saco plástico, pois pode-se criar umidade dentro do saco, o que danificaria as provas).
- Não escove os dentes, nem corte as unhas.

3 PROCURE ASSISTÊNCIA MÉDICA

Visite o hospital ou posto de saúde mais próximo.

Obtenha tratamento para quaisquer lesões físicas e medicação preventiva para o HIV e infecções sexualmente transmissíveis. Pode também haver anticoncepcionais de emergência.

4 DENUNCIE O ESTUPRO

Se quiser denunciar o estupro, entre em contato com a polícia. Você pode pedir a um amigo ou membro da família que a acompanhe ao procurar ajuda. Anote o nome do policial que registrar seu depoimento e o número do processo, para que você possa acompanhá-lo depois.

5 PROCURE APOIO EMOCIONAL E PSICOLÓGICO

Lembre-se de que você não é culpada do que aconteceu, e não há necessidade de se sentir envergonhada. Você pode querer conversar com um amigo ou familiar de confiança. Quando se sentir pronta, considere a possibilidade de entrar em contato com um conselheiro, assistente social ou outro serviço de apoio local.



PARA APOIO ESPECIALIZADO PARA SOBREVIVENTES DE ESTUPRO EM SUA ÁREA, ENTRE EM CONTATO COM...

PASSO A PASSO ANTERIORES

- PASSO A PASSO 98: HIV
- PASSO A PASSO 96: Tráfico humano
- PASSO A PASSO 86: Estigma
- PASSO A PASSO 69: Saúde sexual
- PASSO A PASSO 24: A saúde da mulher

Acesse www.tearfund.org/passo-a-passo para baixar uma cópia gratuita ou entre em contato conosco para encomendar exemplares impressos.

TRANSFORMANDO MASCULINIDADES DIÁLOGOS COMUNITÁRIOS

Você pode usar o guia *Transformando Masculinidades* para realizar oficinas com líderes religiosos e treinar Promotores de Gênero. O guia incentiva os participantes a refletir sobre a igualdade de gênero e a violência sexual e de gênero (VSG). O manual *Diálogos Comunitários* permite que os Promotores de Gênero treinados facilitem discussões comunitárias sobre a igualdade de gênero e a VSG. Ambos os recursos podem ser baixados gratuitamente em www.tearfund.org/transformingmasculinities em português, inglês e francês.



DE MÃOS DADAS: ESTUDOS BÍBLICOS PARA TRANSFORMAR A NOSSA RESPOSTA À VIOLÊNCIA SEXUAL

Uma coleção de 12 estudos bíblicos sobre violência sexual, disponível em português, inglês e francês. Entre em contato conosco para encomendar um exemplar impresso por £6 (libras esterlinas) ou acesse www.tearfund.org/sexualviolence para baixar uma cópia gratuita.

ACABAR COM O ABUSO DOMÉSTICO: UM PACOTE PARA IGREJAS

A instituição beneficente Restored produziu um pacote de informações para capacitar as igrejas para lidar com o abuso doméstico de forma mais eficaz. O pacote inclui orientações sobre como reconhecer o abuso doméstico, formas através das quais a igreja pode responder e reflexões teológicas.

Disponível em português, inglês, francês, espanhol, hindi, russo e sueco. Acesse www.restoredrelationships.org/churchpack para baixar uma cópia gratuita.

RECURSOS SASA!

Os recursos SASA! ajudam as organizações a mobilizar as comunidades para prevenir a violência contra as mulheres e o HIV. *SASA! An activist kit for preventing violence against women and HIV* (SASA! Um kit para ativistas destinado à prevenção da violência contra as mulheres e do HIV) contém recursos e atividades práticas. *SASA! Faith* (SASA! Fé) é um guia adaptado para grupos religiosos. Acesse www.raisingvoices.org/sasa para baixar esses e outros materiais. Também é possível encomendar exemplares impressos mediante pagamento, embora certas organizações possam receber um exemplar gratuito. Entre em contato com info@raisingvoices.org para obter mais informações.



SITES ÚTEIS

Esses sites estão em inglês, salvo indicação em contrário.

www.tearfund.org/sexualviolence
Pesquisa e recursos da Tearfund sobre VSG. Site disponível em português, inglês, francês ou espanhol.

www.wewillspeakout.org
We Will Speak Out é uma coalizão global de ONGs, igrejas e organizações cristãs que trabalham para alcançar o fim da violência sexual.

www.28toomany.org
A 28 Too Many fornece ferramentas e recursos para pessoas que trabalham contra a mutilação genital feminina/corte. O site está disponível em inglês, francês e árabe.

www.restoredrelationships.org
A Restored é uma instituição beneficente cristã internacional que trabalha para transformar relacionamentos e acabar com a violência contra as mulheres.

www.svri.org
A Sexual Violence Research Initiative (Iniciativa de Pesquisa sobre Violência Sexual) promove pesquisas de boa qualidade na área de violência sexual, particularmente em países de baixa e média renda.

www.hesperian.org
Acesse o site da Hesperian (em inglês ou espanhol) para baixar ou comprar livros úteis sobre questões de saúde feminina e VSG, disponíveis em vários idiomas. Use o código **TearFund** para obter um desconto de 20 por cento!

We Will Speak Out é uma coalizão global de organizações cristãs que trabalham para acabar com a violência sexual e de gênero (VSG). Ela produziu essa promessa para aqueles que quiserem se comprometer com o fim da VSG. Você pode usá-la enquanto indivíduo ou com sua igreja ou organização.

Reconhecemos nossa incapacidade de responder adequadamente à violência sexual e de gênero e nossa responsabilidade pela marginalização das pessoas que sofrem suas consequências devastadoras. Reconhecemos que responder à VSG é essencial em nosso trabalho, em nossas comunidades e em nosso mundo. Comprometemo-nos a fazer o máximo para abordar a VSG em nossos contextos com o objetivo de, juntos, acabarmos com ela em todas as suas formas.

Assim...

Nós ergueremos nossa voz.

Nós não nos calaremos mais.

Nós nos uniremos em solidariedade para com os mais vulneráveis e prejudicados.



Cartões com a promessa da We Will Speak Out. Foto: We Will Speak Out

Nós nos dedicaremos a encontrar soluções duradouras, mobilizando lideranças em todos os níveis.

Nós trabalharemos leis que representem, protejam e promovam a justiça e que possibilitem relações saudáveis, e confrontaremos as que não o fizerem.

Nós trabalharemos para assegurar que essas leis sejam cumpridas. Nós nos comprometemos a agir juntos para que as meninas, mulheres, meninos e homens fiquem livres das ameaças e do impacto da VSG no mundo inteiro.

Se desejar assinar a promessa da We Will Speak Out, acesse www.wewillspeakout.org/pledge



PROBLEMA COMPLICADO

Pergunta: Eu administro um curso de treinamento sobre o fim da violência contra as mulheres, mas alguns participantes estão reagindo negativamente. O que eu posso fazer?

Resposta: Quando as pessoas são desafiadas e pensam de modo diferente sobre a violência e a desigualdade entre homens e mulheres, elas podem se sentir resistentes à mudança. Os tipos de resistência incluem: negar, minimizar o problema, justificar o comportamento ou atitude, culpar a vítima, mudar o foco e ficar calado.

Embora possam ser difíceis de abordar, essas convicções também são positivas, já que apresentam oportunidades de crescimento e aprendizagem. Aqui estão algumas formas de abordá-las:

- Peça esclarecimentos: identifique que reação de resistência está sendo expressa. Faça perguntas para esclarecer, como: "Obrigado por compartilhar sua opinião. Poderia nos dizer por que você pensa assim?"
- Busque uma opinião diferente: pergunte: "O que vocês acham desse comentário/

atitude?". Caso ninguém tenha uma opinião diferente, ofereça uma.

- Baseie-se no conteúdo do treinamento/ programa: lembre-os do que aprenderam no treinamento ou atividade. Pergunte: "Como vocês acham que as pessoas começaram a pensar dessa forma? Como essa ideia reforça os comportamentos prejudiciais que debatemos aqui?"
- Apresente fatos que apoiem um ponto de vista diferente e enfatizem uma perspectiva útil: você pode citar dados estatísticos ou leis relevantes.
- Você pode oferecer-se para discutir a questão separadamente com a pessoa: se o participante ainda reagir de forma negativa, você pode se oferecer para encontrá-lo(a) separadamente.

É muito improvável que a pessoa mude sua opinião de forma aberta. Porém, você terá apresentado um ponto de vista alternativo pelo simples fato de confrontá-la.

Resposta adaptada de Transformando Masculinidades. Consulte a página Recursos para obter informações.

PASSO A PASSO

ISSN 1353 9868

A *Passo a Passo* é uma publicação que aproxima pessoas envolvidas na área de saúde e desenvolvimento em todo o mundo. A revista é uma maneira de encorajar os cristãos de todas as nações em seu trabalho conjunto na busca de plenitude em suas comunidades.

A *Passo a Passo* é gratuita para os agentes de desenvolvimento de base e líderes de igrejas. As pessoas que puderem pagar podem fazer uma assinatura entrando em contato com a Editora. Isto permite que continuemos fornecendo exemplares gratuitos às pessoas que mais precisam. Os leitores são convidados a contribuir com suas opiniões, artigos, cartas e fotografias.

A *Passo a Passo* também está disponível em inglês, com o título de *Footsteps*, em francês, com o título de *Pas à Pas*, e em espanhol, com o título de *Paso a Paso*. A revista também está disponível em hindi.

Editora: Zoe Murton

Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido

Tel: +44 20 3906 3906

Fax: +44 20 8943 3594

E-mail: publications@tearfund.org

Site: learn.tearfund.org

Editora de Línguas Estrangeiras: Alexia Haywood

Comitê Editorial: Barbara Almond, J Mark Bowers, Mike Clifford, Jude Collins, Paul Dean, Helen Gaw, Alice Keen, Ted Lankester, Liu Liu, Roland Lubett, Ildephonse Nzabahimana, Theo Shaw, Naomi Sosa, Rebecca Weaver-Boyes, Joy Wright

Design: Wingfinger Graphics, Leeds

Ilustrações: Salvo indicação em contrário, as ilustrações são de Petra Röhr-Rouendaal, *Where there is no artist* (segunda edição)

As citações bíblicas foram retiradas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional®, NVI® © Copyright Biblica, Inc.® 1993, 2000, 2011.

Usadas com permissão. Todos os direitos reservados mundialmente.

Impresso em papel 100 por cento reciclado certificado pelo FSC, através de processos que não prejudicam o meio ambiente.

Tradução: H Campioni, I Deane-Williams, P Gáñez, M Machado, W de Mattos Jr, M Sariego, S Tharp

Assinatura: Escreva para o endereço ou e-mail acima fornecendo algumas informações sobre o seu trabalho e dizendo que idioma prefere (português, francês, inglês ou espanhol). Alternativamente, siga as instruções abaixo para assinar a e-Passo a Passo e assinale para receber exemplares impressos.

e-Passo a Passo: Para receber a *Passo a Passo* por e-mail, registre-se no site Tearfund Aprendizagem. Siga o link "Cadastre-se para receber a revista *Passo a Passo*", na página inicial.

Mudança de endereço: Quando informar uma mudança de endereço, favor fornecer o número de referência que se encontra na sua etiqueta de endereço.

Direitos autorais © Tearfund 2019. Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução do texto da *Passo a Passo* para fins de treinamento, contanto que os materiais sejam distribuídos gratuitamente, e que seja dado crédito à Tearfund. Para qualquer outra utilização, favor entrar em contato com publications@tearfund.org para obter permissão por escrito.

As opiniões e os pontos de vista expressos nas cartas e artigos não refletem necessariamente os pontos de vista da Editora ou da Tearfund. As informações técnicas fornecidas na *Passo a Passo* são verificadas o mais meticulosamente possível, porém não podemos aceitar a responsabilidade caso haja algum problema.

A Tearfund A Tearfund é uma agência cristã de assistência e desenvolvimento, que trabalha com parceiros e igrejas locais para levar uma transformação em todos os aspectos da vida às comunidades mais pobres.

Publicado pela Tearfund, uma companhia limitada por garantia, registrada na Inglaterra sob o nº 994339.

Instituição Beneficente nº 265464

(Inglaterra e País de Gales)

Instituição Beneficente nº SC037624 (Escócia)

Escreva para: The Editor, Footsteps, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido

publications@tearfund.org www.facebook.com/tearfundlearn www.twitter.com/tearfundlearn



ENTREVISTA

MINHA PROVAÇÃO COMO FORMA DE TRAZER ESPERANÇA

Wangu Kanja é uma sobrevivente da violência sexual, que criou a Fundação Wangu Kanja no Quênia, em 2005.

Por favor, conte-nos sobre sua organização e o que ela faz.

A Fundação Wangu Kanja trabalha com o fim de abordar a violência sexual: prevenção, proteção e resposta. Mas nossa visão mais ampla é ter uma sociedade que seja segura e livre de qualquer tipo de violência.

Você já viu alguma mudança na forma de lidar com a violência sexual no Quênia desde que você começou seu trabalho?

Criamos uma conscientização sobre a violência sexual, para que mais pessoas denunciem seus casos, mas isso não significa que já tenhamos acabado com ela.

Um dos grandes desafios é o estigma e a discriminação. As sobreviventes enfrentam muito estigma por parte de sua família e comunidade, o que as torna menos propensas a falar. O processo de denúncia de um caso também é bastante complicado: você precisa se apresentar ao hospital, à delegacia, e, depois que a polícia tiver investigado seu caso, ao judiciário. Precisamos tornar esse processo mais fácil e menos estressante para as sobreviventes.

Como podemos acabar com o estigma contra as sobreviventes?

Precisamos começar diálogos abertos sobre a violência sexual em todos os níveis da sociedade. A violência sexual ainda é vista como um assunto privado. Temos que ajudar as pessoas a entender que, se uma pessoa for afetada, todos os outros serão afetados direta ou indiretamente.

Também devemos transferir a culpa da vítima para o agressor. A primeira pergunta que a maioria das pessoas faz é: "Como você estava vestida?" ou "Você o provocou?". As pessoas precisam reconhecer que a culpa jamais é da sobrevivente. A violência sexual pode acontecer com qualquer pessoa, a qualquer momento, por mais cautelosa que seja.

Como você aumenta a conscientização sobre a violência sexual?

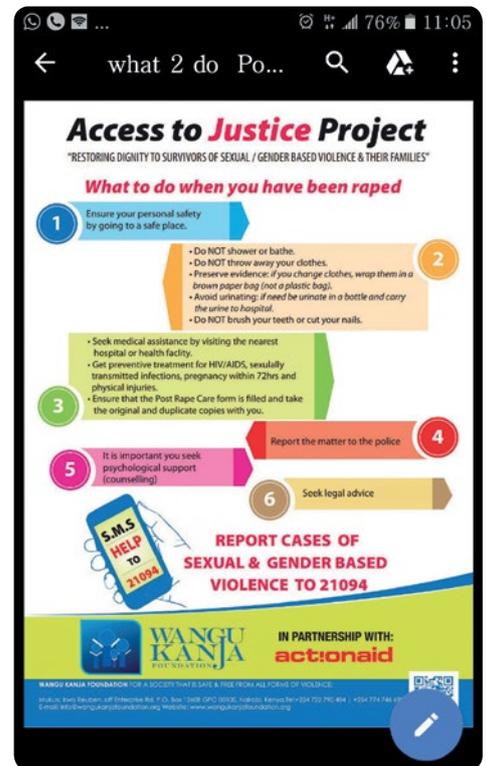
Realizamos diálogos comunitários, usamos rádios comunitárias e nos encontramos com líderes políticos para falar sobre a violência sexual. Também temos uma linha de ajuda SMS, através da qual enviamos mensagens de texto para os telefones das pessoas sobre como denunciar a violência sexual e receber atendimento e apoio.

Quando alguém entra em contato com a linha de ajuda SMS, um funcionário treinado liga de volta e examina suas necessidades. Se a pessoa precisar de ajuda médica, nós organizamos uma consulta médica. Se ela precisar de ajuda para denunciar um crime na delegacia, encontramos uma pessoa adequada por perto para acompanhá-la. Também temos um paralegal da comunidade que ajuda as sobreviventes a passar pelo processo judicial.

Além disso, criamos uma Rede Nacional de Sobreviventes da Violência Sexual. Esta é composta por 47 redes em todo o país, de modo que, em cada condado, há sobreviventes que se manifestam sobre os problemas que as afetam.

Que tipo de mudanças a rede de sobreviventes reivindica?

Queremos garantir que o governo forneça verbas específicas para os serviços de



prevenção e resposta à violência sexual. Isso inclui fornecer aconselhamento, abrigos, atendimento médico e uma unidade de crimes de gênero para a devida investigação, documentação e ação penal para crimes. Os departamentos governamentais agora estão conversando conosco sobre a melhor forma de lidar com a violência sexual.

Que conselho você daria às sobreviventes de violência sexual que desejam ajudar outras sobreviventes?

Você pode usar sua experiência para ajudar outras pessoas, mas certifique-se de que passou por um processo de cura adequado primeiro, como aconselhamento, arteterapia ou terapia de dança. Caso contrário, quando você começar a ouvir as histórias das outras sobreviventes, você poderá ficar traumatizada novamente. A cura é um processo que leva tempo, mas é possível.

Wangu Kanja é formada pelo programa Inspired Individuals (Indivíduos Inspirados) da Tearfund e fundadora e diretora executiva da Wangu Kanja Foundation.

Site: www.wangukanjafoundation.org
E-mail: wangukanja@gmail.com

Se você estiver no Quênia e precisar de ajuda referente a VSG, entre em contato com a linha de ajuda SMS da Wangu, enviando uma mensagem com a palavra "HELP" (ajuda, em inglês) para 21094.